

**Adão, Eva, Caim e Abel sem a letra 'a', por Fulgêncio, o Mitógrafo:
tradução do Livro I do lipograma *De aetatibus mundi et hominis***

Cristóvão José dos Santos Júnior
UFBA
cristovao_jsjb@hotmail.com

José Amarante Santos Sobrinho
UFBA
prof.amarante@hotmail.com

RESUMO: A presente pesquisa aborda o processo tradutório do primeiro livro (*Ausente A*) da obra *De aetatibus mundi et hominis*, creditada ao autor norte-africano e tardo-antigo Fábio Placíades Fulgêncio. Nesta primeira seção da obra, aqui traduzida, Fulgêncio narra o mito do pecado original relativo a Adão e Eva. Ocorre que, em sua descrição, o Mitógrafo adota o mecanismo esteticamente inusitado de supressão de letras (lipograma), evitando palavras que apresentem registro em 'a', o que foi mantido na proposta de tradução.

88

Palavras-chave: pecado original; latim tardio; tradução lipogramática; escrita constrangida.

**Adam, Eve, Cain and Abel without the letter 'a', by Fulgentius, the
Mythographer: translation of Book I of the lipogram *De aetatibus
mundi et hominis***

ABSTRACT: The present study deals with the translation of the first book (*Lacking A*) of the work *De aetatibus mundi et hominis*, credited to Fabius Planciades Fulgentius, North African author of the Late Antiquity. In this first section of the work, translated here, Fulgentius narrates the myth of original sin, concerning Adam and Eve. In addition, the Mythographer writes in lipogram, avoiding words that are registered in 'a', a technique that is maintained in the translation proposal.

Keywords: original sin; late Latin; lipogrammatic translation; constrained writing.

Situando o problema

Esta é a primeira tradução em língua portuguesa e a primeira realizada sob a forma de lipograma do livro inicial da obra *De aetatibus mundi et hominis*, atribuído a Fábio Planciades Fulgêncio. O Mitógrafo¹, assim conhecido pela difusão de suas *Mythologiae* – recentemente traduzidas para o português por José Amarante (2019) – é relevante não apenas por sua repercussão compositiva e por pertencer a uma notável e longeva tradição poética², mas também por fornecer um testemunho histórico da ótica do homem medieval. Ocorre, todavia, que o estudo de sua produção ainda carece de maior atenção no universo lusófono, ainda não havendo qualquer tradução em língua portuguesa do livro *De aetatibus mundi et hominis*, o que eleva ainda mais o interesse por esse escrito.

Observando o eixo espaço-temporal, verifica-se que seus escritos foram produzidos no norte da África entre meados do século V e meados do século VI, no período conhecido como Antiguidade Tardia, em um contexto marcado por uma ampla disseminação do Cristianismo. Esse elemento religioso é muito forte na obra em estudo, a qual possui como fulcro diegético a Bíblia Sagrada Cristã.

Já no que concerne à sua transcrição interlingual, por se tratar de um lipograma consecutivo, tal obra representa um desafio tradutório. Fulgêncio a dividiu em 14 livros, sendo que, em cada um deles, evitou o uso de uma determinada letra do alfabeto, o que foi efetuado de 'A' a 'O'. Esse feito revela uma veemente habilidade escrita, difícil de ser empreendida em uma tradução para o português contemporâneo, conforme destacamos mais à frente.

Ademais, deve-se ressaltar que esse lipograma foi feito em latim, exigindo do tradutor maior rigor quanto à compatibilização lexical e sintática entre as formas de partida e os usos linguísticos hodiernos, sendo necessário, até mesmo, atentar para as particularidades estilísticas do latim fulgenciano.

Nesses termos, partindo da edição fixada por Rudolf Helm (FULGENTII, 1898), propõe-se, aqui, uma tradução do livro I do lipograma *De aetatibus mundi et hominis* (*Das idades do mundo e da humanidade*), que é uma obra portadora de

¹ Note-se que o epíteto de Mitógrafo é empregado para diferenciar o Fulgêncio das *Mitologias* de seu homônimo habitante da cidade de Ruspe, conhecido como Fulgêncio Ruspense, a quem foram atribuídas algumas das obras que lhe são hoje creditadas. A fim de melhor entender essa problemática de ordem filológica, recomenda-se a leitura do artigo de Cristóvão Santos Júnior (2019b) intitulado "O problema da transmissão textual entre os dois Fulgêncios", disponível no seguinte [sítio eletrônico: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/tabuleirodeletras/article/view/6976>](https://www.revistas.uneb.br/index.php/tabuleirodeletras/article/view/6976).

² Para um estudo mais detalhado da tradição de escrita constrangida, que alberga a lipogramática, recomenda-se o artigo de Cristóvão Santos Júnior (2019a) intitulado "Rastros da Tradição Literária Experimental", disponível em <https://portalseer.ufba.br/index.php/estudos/article/view/30441>. Outra leitura aconselhável, concernente a composições greco-latinas, diz respeito ao artigo "Elementos da Tradição Palindrômica Antiga", publicado por Cristóvão Santos Júnior em coautoria com José Amarante, disponível em <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/afluente/article/view/12287>.

certa relevância para o estudo da permanência da tradição cultural greco-latina, especialmente no que diz respeito à participação do autor em uma determinada tradição de escrita do tipo constrangida. Se, por um lado, a importância de Fulgêncio se impunha pela própria difusão de seus escritos, já que foi um dos mitógrafos mais lidos da Alta Idade Média, por outro, seu legado ainda ocupa uma posição de destaque, em decorrência de seu significativo valor histórico, tendo em vista que oferta uma visão do homem medieval sobre a Antiguidade. Dessa forma, a pesquisa da qual decorre este texto é também relevante para que se compreendam melhor os desdobramentos da tradição cultural clássica.

Registre-se, por fim, que, no presente itinerário investigativo, foram intensamente aproveitados o trabalho de Whitbread (1971) – que cruzou inúmeros elementos do escrito fulgenciano com os de outras obras, a exemplo da Bíblia Sagrada Cristã – e o de Manca (2003), que realizou uma série de reflexões literárias e linguísticas.

1. Critérios da tradução lipogramática

90

Se, por um lado, parece laborioso e desafiador realizar uma tradução lipogramática do texto fulgenciano, por outro, deve-se considerar que o próprio estudo das estratégias adotadas pelo Mitógrafo já fornece uma série de pistas para a realização do tão pretendido texto de chegada³. Sendo assim, na presente tradução, apropriou-se largamente de alguns recursos empregados pelo africano, tais como perífrases, antonomásias e arcaísmos, além do uso de sinônimos pouco frequentes. Merece atenção, todavia, o fato de que a língua portuguesa possui particularidades diversas da latina, de modo que, atentando-se para sua singular potência, verifica-se, muitas vezes, uma não coincidência quanto aos lugares de uso desses subterfúgios estilísticos.

Dessa maneira, é necessário debater algumas questões concernentes às estruturas das línguas em confronto. O latim é uma língua sintética e declinável, de modelo paradigmático casual, em que a carga sintática já se evidencia no registro morfológico dos nomes. A língua portuguesa, por sua vez, já possui natureza analítica, não apresentando o mesmo grau de inscrição sintático-morfológica.

³ No presente trabalho, foi privilegiada a discussão das estratégias tradutórias em um sentido mais pragmático-procedimental. Uma interessante discussão teórico-tradutória de ordem pós-estruturalista acerca desse lipograma pode ser lida no artigo intitulado “Refletindo a fenomenologia de uma tradução lipogramática da *De aetatibus mundi et hominis*” (SANTOS JÚNIOR, 2019c), o qual versa sobre a tradução do livro II (*Abest B*) e está disponível em <<http://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/26875>>. Também já foram publicadas as traduções dos livros III (*Abest C*) (SANTOS JÚNIOR, 2020) e IV (*Abest D*) (SANTOS JÚNIOR, 2019d), disponíveis, respectivamente, em <<https://periodicos.unb.br/index.php/belasinfeis/article/view/26021>> e <<https://seer.ufs.br/index.php/apaloseco/article/view/12956>>.

Essa diferença assinalada por nosso idioma eleva ainda mais a dificuldade em se produzir um lipograma, tendo em vista o caráter mais “econômico” do latim. De forma ilustrativa, tem-se que o caso dativo é muito vertido com o uso das preposições ‘a’ e ‘para’, tornando ainda mais penosa a tradução do primeiro livro (*Ausente A*).

Além disso, ainda pensando nessas particularidades gramaticais, impende ressaltar que não se faz uso de artigos em latim, à distinção do que ocorre em língua portuguesa. Esse elemento tão breve e aparentemente inofensivo foi capaz de provocar inúmeras tensões reflexivas, justamente por se buscar evitar o uso de termos que exigissem a concordância no feminino.

A título de exemplificação, Fulgêncio utiliza o termo comum de dois gêneros *coniuge*, ablativo singular de *coniunx*, para se referir a Eva, o que é realizado de modo confortável, já que o latim não exige o uso de artigos. Na língua portuguesa, entretanto, viu-se inoportuno o emprego de formas usuais como “esposa”, por nítida razão lipogramática, ou “mulher”, que exigiria toda uma concordância de elementos no feminino, com o registro do artigo “a”, o que, por óbvio, também feriria a restrição em curso. Assim, a saída encontrada pelo tradutor foi utilizar o vocábulo “cônjuge”, que, em língua portuguesa, é termo sobrecomum masculino.

O termo *mulier*, por sua vez, não foi traduzido por “mulher” em decorrência da restrição imposta, evitando-se a concordância no feminino. Dessa maneira, empregou-se, por vezes, a expressão substitutiva “ente feminil”, no que se demonstra o uso figurado de uma estrutura perifrástica. Saliente-se, igualmente, que, em outros momentos, preferiu-se adotar outras expressões (“ser fêmeo”, “ser feminil”, “ente fêmeo”), ao invés de repetir o termo “ente feminil”, pois muito embora, em latim, o vocábulo usado seja em vários instantes o mesmo (*mulier* e variações), a repetição de estruturas compostas marca mais o texto do que a de estruturas simples, as quais passam, muitas vezes, despercebidas, evitando-se, por tal via, um efeito indesejado e prejudicial à fluidez da leitura. Nessa seara, outros casos peculiares dizem respeito ao uso de estruturas circunloquiais, como na tradução de *non* (“não”) por “de jeito nenhum” ou “de modo nenhum”.

Critério muito utilizado diz respeito ao uso de formas latinizantes – técnica já consagrada no campo tradutório da área de Letras Clássicas e que, *mutatis mutandis*, aproxima-se da estrangeirização. Assim, tendo em vista que a empreitada lipogramática proíbe o uso de uma série de vocábulos, elegeu-se, oportunamente, a estratégia relacionada ao uso de arcaísmos de natureza classicizante. Nesse sentido, importa destacar que o uso de termos que remetem ao latim produz um efeito singular, tendo em vista que insere um estranhamento por parte do leitor, que passa a identificar a assunção do texto de uma identidade

histórica localizada noutra sincronia, no que diz respeito a um aspecto sógnico de viés semiótico, em que o termo assume uma personalidade valorativa própria para muito além de seu significado.

Dessa maneira, o resgate desse procedimento tradicional se verificou oportuno no processo de estruturação do lipograma para o vernáculo. Demonstrativamente, pode-se mencionar o termo *honor* (*Ausente A*), traduzido por “honor”, ao invés de “honra”.

Outro aspecto relevante concerne ao fato de que a tradição politemunhal do texto de partida fulgenciano nos legou uma significativa riqueza de variações lexicais, que englobam, inclusive, processos grafêmicos de simplificação. Assim, no estabelecimento da *De aetatibus*, o editor preservou esse registro em seu aparato crítico, engendrado a partir de cinco manuscritos (*Palatinus* 886, *Reginensis* 173, *Sorbonicus* 268, *Taurinensis* DN 39 e *Vaticanus* 7257). Em atenção a essa significativa produtividade lexical, observável em códices de séculos diversos, considerou-se profícuo o emprego de unidades que demonstrassem o estado de concorrência linguística na língua portuguesa, a exemplo de “pro” (“para” + “o”), também utilizado por permitir a manutenção da estrutura lipogramática com ausência da letra “a”.

Fulgêncio faz amplo uso de figuras de linguagem, a exemplo do paralelismo constituído pela repetição das estruturas *uel* e *quod* intercaladas pelos termos *serpenti*, *homini* e *mulieri* no caso dativo singular, seguidos de verbos a eles relacionados, pondo-se em relevo a relação triádica existente entre a serpente, o homem e a mulher. Em latim, tem-se *uel serpenti quod non solus periit uel homini quod illicitum comedit uel mulieri quod sibi uirum consentientem effecit*. Em uma proposta tradutória mais operacional e não lipogramática, poder-se-ia considerar a expressão “o fato de que” na tradução de *quod*, possibilitando a conservação dos verbos em suas formas conjugadas, de modo a resultar no seguinte: “que serviu para a serpente o fato de que não pereceu sozinha, ou para o homem o fato de que comeu o (fruto) proibido, ou para a mulher o fato de que obteve o consentimento do homem”. Ocorre, entretanto, que o regramento lipogramático ordena a realização de outros subterfúgios tradutórios, no que se optou pela manutenção do paralelismo com o deslocamento da ênfase para as estruturas verbais, decorrendo a repetição do auxiliar “ter” nas seguintes formas perifrásticas participiais: “ter perecido”, “ter comido”, “ter obtido”.

Ainda quanto ao primeiro livro, saliente-se que muitos advérbios latinos de modo são derivados de adjetivos, como ocorre com o vocábulo *deliciose* (“deliciosamente”, “aprazivelmente”, “deleitosamente”) derivado de *deliciosus*. Note-se que, por razão lipogramática, escolheu-se o uso analítico ou desenvolvido da expressão adverbial (“de modo deleitoso”), ao invés do emprego de um advérbio simples de modo, que, em língua portuguesa, é

formado pelo acréscimo do sufixo “mente” ao adjetivo feminino singular, com registro do grafema “a”.

Note-se, ainda, a realização por Fulgêncio de uma série de simplificações dos ditongos *ae*, marcadores de genitivo singular, em *e* em virtude da restrição lipogramática. Assim, *perpetue uite* diz respeito a *perpetuae uitae* (“vida perpétua” ou “vida eterna”). No jogo tradutório, elegeu-se, por parte do tradutor, nova estratégia, no que tange à derivação imprópria, referente à substantivação do verbo “viver”, correlato de “vida”, resultando na expressão “eterno viver”.

Outro critério empregado foi o da mutação prepositiva, exemplificado na tradução da expressão *in comestionem pomi* (“a alimentar-se do pomo”) por “no sentido de comer o pomo”, em que se evidencia o uso da preposição “em”, derivada da forma latina *in*, acrescida do vocábulo de apoio “sentido”, recuperando a noção de movimento exprimida no uso de *in* + termo acusativo.

O uso de sinônimos verbais também foi adotado, como no caso da expressão *mortis elogium fieret posteris*, traduzida como “fosse pros pósteros veredito de morte”. Nesse sentido, a forma latina *fieret* empregada por Fulgêncio diz respeito ao verbo *fieri*, que é traduzido, em geral, por “ser feito” ou “tornar-se”. Tendo em mente a limitação em voga, contudo, optou-se pelo uso do verbo “ser” (“fosse”), o qual se situa em um campo semântico próximo.

Salta aos olhos, ademais, a alternância participial utilizada na tradução dos participios futuros, como a do termo *finiturum* relativo ao verbo *finire*, presente na expressão *finiturum tempus*, usada pelo Mitógrafo, que é comumente vertida por “tempo que há de acabar” ou “tempo que está para acabar”. Assim, considerando, a presente restrição e a estreita relação semântica entre os participios, escolheu-se a sentença “tempo finito”. Além disso, é válido lembrar que a marca morfológica dessa construção é vestigial em língua portuguesa, mantendo-se em poucas palavras como “nascituro”, “morituro”, “vincituro” e “futuro”, no que se intensifica o uso de estratégias tradutórias variadas.

Dentre os tipos de malabarismos lipogramáticos, verificam-se alguns mais ousados, como o da substituição por vocábulos que colaboram com a imagem poética formulada, não tendo a pretensão de equivaler em sentido. Dessa forma, destaca-se a tradução de *nihilum* (nada) por “precipício”, que ressalta o caráter metafórico-imagético do construto fulgenciano, suplementando seu cenário conotativo-representacional.

Por fim, outra singular estratégia tradutória concerne à alteração dos tempos verbais empregados, acompanhados pelo uso de expressões compensatórias. Nesse sentido, deve-se salientar que os verbos *efficeret* e *conmitteret* estão na terceira pessoa singular do pretérito imperfeito do subjuntivo, podendo ser traduzidos, em uma lógica mais operacional, por “produzisse”/“produziria” ou “concebesse”/“conceberia”. Tendo em vista a

necessidade de evitar a letra “a”, optou-se por manter os verbos no presente do indicativo, com o acréscimo da expressão compensatória “em termos hipotéticos”. Ante isso, é válido lembrar que, embora, tradicionalmente, na língua portuguesa, o tempo futuro do pretérito integre o modo verbal indicativo, típico do âmbito real, é também possível apreciá-lo em sua natureza condicional, servindo, até mesmo, para integrar períodos hipotéticos. No latim, o subjuntivo e o condicional se aproximam ainda mais, possibilitando-se, inclusive, essa duplicidade tradutória, momento em que a expressão “em termos hipotéticos” recupera essa margem de imprecisão parcialmente apagada pelo uso do verbo no presente do indicativo.

2. Texto de partida latino (Abest A)

Primum igitur mundi tempus sumendum est ex primo homine infelicissimo precepti dominici contemtore et ex eius coniuge uiri simplicis seductrice, in quibus et serpens inuidus utrorumque deceptor ostenditur et mulier mortis primordium miseris successoribus repperitur. Quid etenim profuit uel serpenti quod non solus periit uel homini quod illicitum comedit uel mulieri quod sibi uirum consentientem effecit, nisi ut in omnibus iusti iudicii Dei ultio processisset; neque enim excellentissimus ille rerum omnium conditor mortis muscipulum in fructu prohibito indidit, sed deliciose ut homo uiueret ex dinoscentie eum ligno deterruit. Cerne enim quod et serpentis deceptio sub spe diuini honoris inmittitur et mulier perpetue uite promissione compellitur et uir lenocinio dulcoris in comestionem pomi gulosus inpellitur. Ergo ueternosus ille priuignus letitie qui primum penes genitores leno pomorum esse promeruit, ipse in filiis inuidie leno esse didicit seniore perimendo, iuniorem occidendo disperdens. O nihil tutum serpentis ingenio, ut homo qui principium uite exitit ipse mortis elogium fieret posteris et mulier uiuentium genetrix interitus sue existeret proles. Ve mundo, ue hominibus, quorum initium mors, quorum finis iudicium. Quid enim profuit homini uite cursus, cui finitum decretum est tempus? Omne enim quod perenne non contigit esse – quod uiuit? Defle ergo, queso te, homo, quod uiuis; uentosum enim est quod extolleris; non enim diuitie morientem secuntur nec honores corporibus prosunt: nudus qui mundum ingreditur, nudus mundo egreditur. Sit solo inuisibili deo perennis honor in seculo, qui horret excelsum, erigit deiectum et hominum semper [p. 134 Helm] destruens in nihilum deducit consilium; sed uere iustus, uere pius; quid enim mundi presumptio uel efficeret uel committeret, si ei perenniter uiuere contigisset? Sed nunc perscrutemur quid sibi hoc mundi principium cum hominis ex utero prodientis concordet effectum. Illic nouellum primi uteri germen zeli toxico innocentem inuidus uterinum insequitur, hic puer puero dum iniungitur, licet innocuum, sed genuini zeli ostendit effectum. Discit primus homo uolucrum pecudumque differentes edicere nominum sonos, discit innocens licet inconpositos proferre dulciter modulos. Ergo primum mundi tempus usque in Enoch

finire decretum est diuine potentie uirtute euocitum. Quo quidem et hoc innocentibus competit; nihil enim Deus super innocentum purissimum diligit sensum.

3. Texto de chegada (Ausente A)

Logo, o primeiro tempo do mundo deve ser referido desde o primeiro homem, infelicíssimo desdenhoso do preceito divino, e desde seu cônjuge, sedutor de um simples ser. Nisso, por um viés, o desonesto ofídio se expõe embusteiro dos dois, por outro, o ente feminino é reconhecido como primórdio de morte por seus míseros sucessores. Com efeito, de que serviu pro ofídio ter de nenhum modo perecido sozinho, ou pro homem ter comido o fruto proibido, ou pro ser feminino ter obtido o consentimento do homem, exceto que o peso do justo juízo de Deus tivesse decorrido?⁴

É certo que o excelentíssimo construtor de todo o universo de jeito nenhum introduziu um engodo no fruto proibido, porém, com o intuito de que o homem vivesse de modo deleitoso, lhe vedou o lenho do discernimento. Com efeito, observe, pois, que o embuste do ofídio surge sob o credo no honor divino, e o ente feminino é compelido pelo prometimento de eterno viver, e o homem guloso é impelido pelo lenocínio do gosto doce, no sentido de comer o pomo⁵.

Logo, o ocioso fruto do regozijo, que, em tempos remotos, conseguiu ser, entre os genitores, o gigolô dos pomos, ele próprio, entre os filhos, soube ser como o gigolô do ciúme, que extingue por meio de homicídio o precedente e reduz o pósteros, destruindo-o⁶.

⁴ Vide Gênesis 3. Manca (2003, p. 103) salienta que a justa punição divina (*iusta Dei ultio*) é *topos* frequente na latinidade tardia, como se pode verificar nos livros II, 136, 19; VI, 147, 22; VII, 153, 6 e 12 da obra em análise, bem como em Fulgêncio de Ruspe, em *ad Trasam* 3, 36, 2, em que há menção a uma *iusta Dei ultio de peccato primi hominis* (a justa punição de Deus em relação ao pecado do primeiro homem), além de Gregório de Tours (PL 71, c. 283 e 432), dentre outros.

⁵ Segundo Manca (2003, p. 104), o uso metafórico ligado à ideia de armadilha para ratos (*muscipulum*), aparece uma única vez na Bíblia [Sab. 14, 11], também sendo empregado por Sêneca na epístola 48, 6 e reinserido na *De aetatibus* nos livros V, 145, 26 (o engano de Lia) e VIII, 156, 9 (desobediência de Saul). Além disso, apesar de o termo latino *honor* guardar correspondência com o vocábulo 'honor' em português, sua tradução se faz, em geral, pela palavra "honra", atualmente mais difundida na comunidade lusófona. Ocorre que a empreitada lipogramática proíbe o uso deste vocábulo, momento em que se elegeu, oportunamente, uma estratégia tradutória consagrada, relacionada ao uso de arcaísmos de natureza classicizante. Nesse sentido, importa destacar que o uso de termos que remetem ao latim produz um efeito singular, tendo em vista que insere um estranhamento por parte do leitor, que passa a identificar a assunção do texto de uma identidade histórica localizada noutra sincronia, no que diz respeito a um aspecto sócio de viés semiótico, em que o termo assume uma personalidade valorativa própria para muito além de seu significado. Por fim, quanto à simplificação dos ditongos como em *perpetue uite*, ao invés de *perpetuae uitae* ('vida perpétua' ou 'eterna'), quanto ao uso do paralelismo verbal entre *compellitur* ('é compelido') e *impellitur* ('é impelido') e quanto à tradução da expressão *in comestionem pomi* por "no sentido de comer o pomo", aconselha-se a leitura da seção *Critérios da tradução lipogramática* deste texto.

⁶ Vide Gênesis 4. Tal passagem faz referência às duas fases da vida de Caim, que, antes de se entregar à pérfida paixão fratricida, fora agricultor.

Oh! Ninguém vive seguro defronte o engenho do ofídio, de modo que o próprio homem, que despontou como o princípio do viver, fosse pros pósteros veredito de morte, e o ser feminino, genitor dos viventes, fosse visto como fonte de perecimento dos seus descendentes. Que mundo! Que homens! Seu início é morte, e seu fim o juízo. Com efeito, em que o curso do viver foi útil pro homem, visto que lhe foi imposto um tempo finito? Com efeito, tudo o que de modo nenhum consegue ser perene vive por quê? Oh homem, suplico-te, pois, que chores, posto que vives! Com efeito, o que enobrece é ventoso, visto que nem os tesouros seguem os que morrem, nem os honores servem os corpos⁷.

Quem nu vem pro mundo, é deposto nu do mundo. Que o honor figure perene no tempo em prol do único Deus invisível, que repele o excelso, erige o oprimido e sempre destrói o projeto dos homens, conduzindo-o pro precipício. Porém, Deus é em todo modo indiscutivelmente justo, indiscutivelmente pio. Com efeito, o que o desbrío do mundo, em termos hipotéticos, produz ou concebe, supondo que lhe coubesse viver perenemente?⁸

⁷ Vide Filipenses 3:19. É de se ressaltar o efeito retórico produzido por Fulgêncio através de uma poética de lamentação, que denuncia o descompasso das ações humanas com o projeto divino. Igualmente, deve-se expor que, conforme Manca (2003, p. 105) sinaliza, Fulgêncio faz largo uso da interjeição “o”, além de apóstrofes ou interpelações no caso vocativo, como evidenciado nos livros III, 139, 1-2 (*o imensa atque inestimabilis diuina sententia. O profundi diuini sapientiae fontis*), V, 144, 19-20 (*o admirandum auctoris ac sacratum iudicium*) e 24 (*o homo; numquid in dabis iudicium Domino?*), VI, 147, 14-15 (*o diuinitatis ordo secretum*); VII, 152, 2 (*o fletus concipiens et oratio pariens*), VII, 152, 14-15 (*o diuina secreta admirandaque iudicia*), IX, 161, 10 (*o quam praeclsa sunt tua, Deus, atque stupenda secreta*); XII, 171, 14 (*o gratus et purus aduentus*).

⁸ Vide Jó 1:21, Eclesiastes 5:15 e Lucas 1:52. Conforme a sinalização de Manca (2003, p. 106), as referências metafóricas que Fulgêncio utiliza quanto à nudez e à saída do útero materno são de inspiração bíblica, como observado em Ecl. 5, 14 (*sicut egressus est nudus ex utero matris suae sic reuertetur et nihil aufere secum de labore suo*) e em Gb., 1 e 21 (*nudus egressus sum ex utero matris meae et nudus reuertar illuc. Dominus dedit, Dominus abstulit; sit nomen Domini benedictum*). Ele também indica a ocorrência presente nas *myth.* 39, 68, no que diz respeito ao valor alegórico da cauda do pavão, em que se condena a vaidade (*in obitu hominis nudatio operum eius*), sendo tal fórmula derivada de Sir, II, 29, não de Salomão, como sugerem alguns autores, em confusão propiciada pela antiga atribuição do termo *Ecclesiasticus* tanto ao livro da Sabedoria, quanto à Sirácide ou Eclesiástico. Frise-se, ainda, que Ciaffi (apud MANCA, 2003, p. 106) considera, como *lectio difficilior*, a forma *obitu* ao invés de *finis*. Afora isso, ressalta-se, novamente, um jogo simétrico, agora formulado pelo uso dos vocábulos *ingreditur* e *egreditur*, relacionados às formas vernáculas “ingresso” e “egresso”. Se antes o paralelismo se articulou por via de verbos passivos (*compellitur, inpellitur*), agora Fulgêncio emprega dois verbos depoentes, também de mesma raiz, modificados apenas por prevérbios. Em latim, tem-se *nudus qui mundum ingreditur, nudus mundo egreditur* (“quem nu ingressa ao mundo, nu sai do mundo”). Dessa maneira, impedido de traduzir *egreditur* com verbos como “sai”, “abandona”, “deixa” ou “larga”, optou-se por desfazer a lógica depoente de significação ativa, recorrendo a uma estrutura verbal passiva (“é deposto”). Os verbos depoentes se situam em uma ordem semântico-nocional controversa, tendo em vista que, muitas vezes, não exprimem uma ação projetada intencionalmente pelo sujeito, como ocorre com as noções de “morrer” (*mori*) e de “nascer” (*nasci*). Note-se o uso do termo “em prol” suplementando o texto de partida. Ante isso, deve-se expor que a opção mais normativa “ao único Deus invisível” não deve proceder por conter a letra “a”, instante em que a estrutura “em prol” funciona tanto na ordem lipogramática, quanto na manutenção de um diálogo semântico entre os termos, já que, conforme a ótica fulgenciana, tudo deve se realizar em proveito de Deus. Segundo Braun (1997 apud MANCA, 2003, p. 106), a invisibilidade representa a própria incognoscibilidade divina, assumindo relevante papel contra a idolatria,

Contudo, neste momento, devemos perquirir em que esse princípio do mundo coincide com o êxito do homem em surgir do útero. Nesse posto, o gérmen novel do primeiro útero, movido pelo veneno do ciúme, persegue cobiçoso o inocente filho de mesmo genitor. No momento em que esse menino é infligido por outro, porém, mesmo que inócuo, exprime um êxito do genuíno ciúme. O primeiro homem entende como emitir os diferentes sons dos nomes dos seres terrestres e dos que vivem no céu. O pequeno inocente entende como proferir docemente certos construtos sonoros, mesmo que simples⁹.

Logo, foi definido o primeiro tempo do mundo, com término em Enoque, conduzido em virtude do poder divino. Pelo que, de modo seguro, isso incide inclusive sobre os inocentes. Com efeito, Deus reconhece com zelo sobretudo o puríssimo senso dos inocentes¹⁰.

derivando de I Tim., 1, 17 (*regi autem saeculorum inmortali inuisibili soli Deo honor et gloria in saecula saeculorum amen*).

⁹ A imagem do útero no contexto de representação do processo de criação divina é significativa, tendo em vista que as noções de mundo e de homem se mesclam, demonstrando o elo entre as idades do mundo e as do homem. Conforme Manca (2003, p. 107, a temática da inveja é constante na *De aetatibus*, sendo representada tanto pelo vocábulo *zelum*, como pelo termo *inuidus*, como pode ser observado em I, 133, 4 (*inuidus*); I, 133, 17 (*leno inuidiae*), VII, 151, 8 (*toxicata zelotypo*), II, 134, 21; II, 136, 12; XIII, 175, 3; XIV, 178, 11, guardando especial enfoque no livro V, com cinco ocorrências (144, 14; 144, 22; 145, 1; 145, 13; 146, 5). Tal pesquisador também aponta a recorrente alusão ao *zelum* nas *myth.*, como demonstrado em 1, 12, 6 (*liuens zelo*); 20, 13 (*amoris zelum*); II, 49, 6 (*zelataque*); III, 64, 5 (*zelotipa*); III, 64, 6-10-12 (*zelum*); 66, 13 (*zelando*). O termo latino *uterinum* diz respeito aos irmãos, que compartilham o mesmo útero materno. Dessa forma, seguindo a restrição lipogramática que impede o uso do termo “irmão”, e atentando para a reconstituição de uma imagem metafórica, consubstanciada no texto de partida, escolheu-se a expressão circunloquial “filho de mesmo genitor”. Há, em Fulgêncio, emprego constante da noção de útero e de imagens que remetem a um processo de constituição e de surgimento partindo de elementos embrionários, em alusão ao impulso criador de Deus. Segundo Manca (2003, p. 107), enfim, das 30 vezes em que Fulgêncio emprega o verbo *discere*, 19 estão na *De aetatibus*, demonstrando-se a singularidade de *topos* quanto à aquisição de conhecimentos por parte do homem experimentador. Acrescente-se a isso, o fato de a obra em estudo ser a mais cristã de seu legado, o que também contribui para uma maior especificidade linguística, vinculada, igualmente, à temática abordada.

¹⁰ Fulgêncio emprega a variante lipogramática *euocitum* para o termo *euocatum*. Note-se, ainda, que o regramento lipogramático exigiu uma maior elaboração tradutória do trecho *nihil enim Deus super innocentum purissimum diligit sensum* (“com efeito, Deus nada ama acima do puríssimo senso dos inocentes”). É válido ressaltar, igualmente, a preocupação em denunciar determinados fenômenos filológicos, tendo em vista que, se por um lado, o presente empreendimento tradutório apresenta arcaísmos de efeito latinizante, por outro, o termo “zelo” foi adotado para sinalizar o distanciamento semântico em relação ao *zelum* latino (“ciúme”, “inveja”), muito empregado por Fulgêncio.

REFERÊNCIAS

AMARANTE, J. **O livro das Mitologias de Fulgêncio**: os mitos clássicos e a filosofia moral cristã. Salvador: EDUFBA, 2019.

FULGENTII, F. **Opera**. Edição de Rudolf Helm. Lipsiae: Teubner, 1898.

MANCA, M. **Le età del mondo e dell'uomo**. Allessandria: Edizioni dell'Orso, 2003.

SANTOS JÚNIOR, C. Rastros da tradição literária experimental. **Estudos linguísticos e literários**, n. 62, p. 130-147, 2019a. doi: 10.9771/ell.v0i62.30441.

SANTOS JÚNIOR, C. O problema da transmissão textual entre os dois Fulgêncios. **Tabuleiro de Letras**, v. 13, p. 208-226, 2019b. doi: 10.35499/tl.v13i2.6976.

SANTOS JÚNIOR, C. Refletindo a fenomenologia de uma tradução lipogramática da *De aetatibus mundi et hominis*. **Percursos linguísticos**, v. 9, p. 101-119, 2019c.

SANTOS JÚNIOR, C. Traduzindo o quarto livro do lipograma fulgenciano. **A Palo Seco: Escritos de Filosofia e Literatura**, n. 12, p. 90-94, 2019d.

SANTOS JÚNIOR, C. Fulgêncio sem a letra 'c': tradução do livro III do lipograma *De aetatibus mundi et hominis*. **Belas Infiéis**, v. 9, n. 1, p. 243-249, 2020. doi:10.26512/belasinfiéis.v9.n1.2020.26021.

SANTOS JÚNIOR, C. A vida de Jesus Cristo sem a letra 'm': tradução do Livro XII do lipograma *De aetatibus mundi et hominis*. **Phaos: Revista de Estudos Clássicos**, n. 20, p. 1-8, 2020b. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/phaos/article/view/13496>.

SANTOS JÚNIOR, C.; AMARANTE, J. Elementos da tradição palindrômica antiga. **Afluentes**, v. 4, p. 195-213, 2019.

WHITBREAD, L. G. **Fulgentius, The Mithographer**. Ohio: State University Press, 1971.

Data de envio: 05/07/2019

Data de aprovação: 02/10/2019

Data de publicação: 02/07/2020